

# O Joven Naturalista

Omne tulit punctum, qui miscuit utile dulci  
Lectorem delectando pariter que monendo.  
(Hor.)

PUBLICADO PELA SOCIEDADE PROPAGADORA D'UTILIDADE E RECREIO.

N.º 15.

TERÇA FEIRA 30 DE JUNHO.

1840.

## A MORTE DE SOCRATES.

Por mais que Aristophanes e tantos outros detractores tenham querido apresentar aos olhos do mundo Socrates, como ensinando os filhos a roubar seus pais — proferindo blasfemias contra os Deoses, he innegavel, que a conducta d'este grande homem foi exemplar, o que mais confirmam os costumes depravados d'esses detractores. Socrates morreu, he verdade, por huma Sentença condemnatoria; mas em que tempo se ha visto, que os satellites dos tyrannos hajam feito justiça ao homem, que pretendendo reformar os erros dos seus senhores? ou em que epocha se vio, que homens enfatuados de sabios tenham sido justos e imparciaes para aquelle, que elles olham com inveja de precedencia? Opiniões ha, de que Socrates nam fora condemnado nem por seus inimigos, nem pelos da philosophia, mas por homens sabios e imparciaes em todos os tempos, em relação ao privilegio, de que elle se uffanava de ter ás suas ordens hum demonio ou espirito familiar, que interiormente lhe dava conselhos nas accões importantes. Este demonio finalmente nam o excitava a fazer tal ou tal acção; elle se contentava em reprimi-lo, quando elle intentava mal. Para desculpar Socrates d'haber querido enganar seus contemporaneos, Xenophontê toma hum partido mui engenhoso; elle pretende, que esta voz interior nam era em Socrates se nam sua prudencia, superior á dos outros homens, mas que elle fazia crer sobrenatural, a fim de nam passar por arrogante.

Isto nam satisfaz inteiramente. Cita-se circumstancias, em que se parece bem difficil o desculpar Socrates, e onde parece que por charlatanismo elle se inclinava a augmentar a opiniam, de que gosava. Muitos escriptores propozeram sobre o genio de Socrates, este dilemma ou Socrates cria em realidade no seu genio ou nam. No primeiro caso elle tinha o transporte no cerebro; no segundo elle era hum impostor.

Socrates tinha 69 annos, quando pouco tempo depois da expulsam dos Trinta, seus inimi-

gos resolveram pôr em execuçam os sinistros projectos, que haviam formado contra sua vida. A comedia das Nubens d'Aristophanes pode ser olhada como a primeira accusaçam contra Socrates: pôr sobre o theatro d'Athenas impiedades contra os deoses e sobre tudo contra Jupiter na boca d'hum cidadam, era provocar sua morte, e apenas pode conceber-se como desde este momento Socrates nam tenha sido victima de odiosas delações d'Aristophanes.

A' testa de seus inimigos estavam Melito e o sacerdote Anyto. O primeiro o accusou formalmente de nam reconhecer os deoses d'Athenas — d'inculcar novas divindades — e de corromper a juventude.

Desde quarenta annos, que Socrates tinha discipulos, jámais suas lições haviam sido secretas. Devendo pois serem conhecidos seus principios, a accusaçam era absurda; mas em Athenas hum tal accusaçam era temivel, e os seus amigos bem o conhecêram. Lysias o mais habil orador d'este tempo quiz defende-lo eloquentemente; mas Socrates nam accitou a offerta, recusando defender-se por huma outra boca, que nam fosse a sua. Convicto de sua innocencia, elle desprezou todos os meios d'aplicar seus juizes com supplicas — sollicitações ou lagrimas de familia.

Tam sagaz e tam profundamente meditado foi o discurso, que contra Socrates Melito proferiu, que aquelle declarou ter-se desconhecido a si-mesmo; tan' as accusações pareciam verosimeis, ainda q e ellas nenhuma relação tivessem com a verdade. A resposta de Socrates, que Platam transcreveo chegou a nossos tempos em apolojia, que este philosopho eloquente compoz em favor de seu mestre, obra a mais interessante e admiravel d'aquelles tempos. Socrates sem se apartar da materia, como havia prometido, apresenta nesta refutaçam com todo o tom de simplicidade, que elle junctava sempre ás suas lições familiares, os rasoamentos mais victoriosos, observando por fim, que depois de ter guardado todos os postos, que se lhe havia encarregado em Potidea — Amphipoles — e em Delium, o temor da morte nam devia neste mo-

mento faze-lo abandonar o posto, em que o collocara a Providencia. Elle recordou sua corajosa conducta, quando só se havia opposto á sentença dada contra os generaes vencedores em Arginusa, ou quando em mais d'hum occasiam elle tinha resistido as tyrannicas vontades dos *Trinta*. He cousa notavel que elle nam negasse, que seu genio familiar o tinha apartado dos negocios publicos, de que o reprehendiam.

Elle terminou finalmente disendo, que estava persuadido, que elle devia abandonar-se á sua sorte sem recorrer as supplicas, que nam convinham á sua idade, e quando elle tantas vezes tinha ensinado a desprezar a morte. Entanto Melito esteve a ponto de ser condemnado como calumniador, mas Anyto e Lyon vieram em sua ajuda; seu credito arrastou grande n.º de votos contra Socrates, e de 521 votantes 281 o condemnaram. Segundo a Ley Socrates, condemnado no primeiro juizo, tinha ainda a escolha de pedir a commutação da pena capital em huma multa pecuniaria, mas elle pediu, que, visto ter passado seus dias em instruir os Athenienses e seus filhos e em torna-los virtuosos, e que, tendo por isso desprezado os negocios domesticos — os empregos e dignidades, elle se condemnava a ser nutrido no resto de seus dias á custa da Republica em Prytanea. Platam diz, que elle offerecêra huma somma de dinheiro, que seus amigos se compromettiam a pagar. Mas seus juizes revoltados de sua primeira proposta o condemnaram a beber cigude.

Socrates lhes dirigio ainda algumas palavras com toda a dignidade do seu character! A igualdade — a grandesa de sua alma nobre e magestosa nam se desmentiram hum instante! Elle entrou na prisam com firmeza, e ali no estado em que o representa a estampa, elle foi por 30 dias visitado de seus amigos e familia. Esta diligencia tinha por causa a demora do navio enviado a Delos. Socrates se representa na estampa em o momento de consumir seus dias; com rosto tranquillo elle tem a mam direita sobre a taça que encerra o veneno, e com a esquerda elevada consola seus amigos. As ultimas repostas d'este homem protentoso sam o mais escolhido typo de sua nobresa e innocencia. Dizia elle a hum discipulo que se queixava de velo morrer innocente. » E querias tu, que eu morresse criminoso?! » Criton, vindo anunciar-lhe a hora da sua morte, o certificou, de que havia peitado o carcereiro para conceder-lhe evasam, e lhe offereceo hum retiro na Thessalia. Socrates respondeo » Conheces tu, » amigo, algum logar fora d'Attica, onde se » nam morra? convir debes pois, de que os » principios, que havemos professado, nos nam » permittem o subtrahir-nos ao poder das leys. » Socrates empregou todo o seu ultimo cuidado em consolar sua mulher Xantippe, e antes

de beber a cigude obteve, que ella fosse condusida para sua casa. O resto do dia foi passado entreendo-se com seus amigos sobre a immortalidade da alma, d'este entretenimento tirou Platam a idea do seu dialogo, intitulado *Phedon*. Criton perguntou ainda a Socrates, como devia faser seu funeral, e este lhe respondeo, que o fizesse, como melhor lhe parecesse, e, olhando para os outros discipulos acrescentou sorrindo. » Eu nam posso persuadir a » Criton, que Socrates he realmente aquelle, » que agora se entretém com vosco. Elle cre » sempre, que eu sou aquelle, que elle vai ver » logo, elle me confunde com o meu cadaver, » e eis ali porque elle me pergunta, como eu » quero ser enterrado. » Depois de bebido o veneno, sentindo já approximar-se a hora fatal ainda assim mesmo reprehendêo os seus discipulos, que choravam amargamente, de que elles mostrassem tanta fraquesa, e depois envolveo a cabeça por alguns instantes, no fim dos quaes descobrindo-a disse pela ultima vez a Criton » Lembra-te, que devemos hum gallo a » Esculapio, nam esqueças comprir este voto. » Platam com tres discipulos d'este martyr da hypocrisia se retiraram para Megara, temendo, que o furor de taes mostrós se nam contentasse com huma só victima.

Os Athenienses, conhecendo emfim o crime, que haviam commettido em sacrificar hum tam virtuoso sabio, lhe eregiram huma capella e huma estatua, fiseram morrer Melito, lapidaram Anyto, e baniram os outros accusadores; mas Xenephonte e Platam guardam todo o silencio sobre estes pretendidos remorsos dos Athenienses.

## AS RUINAS DE PALMIRA,

(Conclusam.)

**E**scutae! Eis-ali Cavalleiros que vem! A area do caminho geme sob os cascos das egoas do Yemen; se a noite não extendesse sobre o Ceo o seu sombrío manto, poder-se-hia ver na planicie os fluctuantes vestidos dos arabes e o sedoso véo de Mazzili. Tende cuidado, pobres amantes; a vingança, similhante ao reptil, vos espera na sombra para vos ferir com mais segurança. Abdel-Kebir e Mazzili, seguidos de alguns escravos, se avançavam entam com a alma cheia de allegria para as ruinas de Tadmor (Palmyra) esta rainha do deserto. O Joven arabe havia sabido por cameleiros a ruta que tinha tomado o Janizaro. Elle o cria para os confins do territorio d'Emeso no condado de Tripoli, e allegre chegava em fim ao deserto — ao bello rio d'Eu-

phrates, sobre as bordas do qual elle tinha aberto os olhos a luz.

Caminhavam os viajantes silenciosamente; Abd-el-Kebir abria a marcha, elle se inclinava muitas vezes para Mazzili, áfim d'encorajá-la a supportar as ultimas fadigas; entam, vendo este homem tam sollicito e tam extremoso depois do opprobrio, de que ella havia sido cuberta, e de quem trasia o fructo em seu ventre, ella sorria tristemente, abandonando-lhe sua mam; mas no fundo do coração ella estava desolada.

Elles chegavam a hum valle assaz profundo cujos vertentes sam cobertos de grandes torres quadradas. Sam os sepulchros dos Palmyrienses. O arabe, reconhecendo estes logares, que elle tinha antigamente visitado, se approximou da joven dama, e lhe disse com hum accento profundo:

» Amanhan Mazzili, se tu podes continuar a sofrer a andadura do cavallo, ámanhan nós veremos o Euphrates; e agora nós podêmos respirar livremente, como o cheik no deserto. Eis aqui as ruínas da magestosa Tadmor.

— Bemdito seja Allah! respondeo a joven, porque o sofrimento exgotta o resto de minhas forças.

— E desgraça a Joussouf d'Istamboul repetio Abd-el-Kebir com huma voz sombria.

Elles hiam para as ruínas com segurança, quando hum estrondo estranho chegou repentinamente até elles, e veio encher sua alma de terror! O olho scintillante do arabe se mergulhou nas vastas profundezas da cidade destruida, e elle vio huma fracca luz avermelhada ao pé d'huma columna, que cercavam alguns Osmanlis. Elle se avança só — elle escuta, e com a finura de percepção de raça arabe habituada ao deserto reconhece Joussouf e seus milicianos!

Desesperado, elle volve para juncto de Mazzili, que elle encontra por terra revolvendo-se em horrioveis convulsões. Ella mordia seu véo para suffocar seus gritos. . . . A desgraçada, quebrada pela fadiga, sentia as primeiras torturas do parto!

» Ah! he querer a morte do teu servidor, ó Allah! murmura o infortunado Kebir; meu coração estava assaz attormentado sem o despedaçares ainda! Como escapar ao perigo, que nos circunda? Se a noite se passa sem desgraça, ámanham em nascendo o sol, o feroz Joussouf nos degollará, como gazellas! . . . Ah! nam importa, Mazzili nam cahirá viva em seu poder.

Tendo colocado a joven Mazzili em huma esteira, elle a transportou a alguma distancia com hum dos seus escravos, para sob o portico d'hum pequeno templo, edificado em huma das partes baixas de Palmyra. Posta ao vento em huma direcção opposta aos Osmanlis, seus gemidos suffocados nam eram ouvidos, mas eram

tormentos inauditos — sofrimentos intoleraveis! Abd-el-Kebir, tendo a cabeça inclinada, estava ali, impotente a consolar esta mulher, que elle adorava, temendo, que estes gemidos, tam corajosamente suffocados por Mazzili, apesar de serem fracos, nam despertassem Joussouf.

De repente a egoa da joven, excitada sem duvida pelos cavallos d'Osmanli, commença a relinchar; O arabe, cada vez mais atterrado, corre para ella; ensaia o applacala, affaga seus nasaes; mas apenas elle se aparta para tornar para juncto de Mazzili, que a egoa faz ouvir de novo hum relincho prolongado. Furioso, sem calcular que esta egoa lhe he indispensavel, Abd-el-Kebir brande seu punhal, e a faz revolver-se espirante sobre a poeira.

Elle vem encontrar a joven mulher, que encontra em huma terrivel angustia. Sua boca abunda em espuma, seu véo está feito em pedaços. Elle se assenta juncto d'ella, a cerca de seus braços, a exhorta á corajem; mas suas dores sam insupportaveis; ella se suffoca, ella morre! . . . .

» Bem, Mazzili, grita elle com huma voz surda, dá hum livre desaffogo a teus prantos. Eu venderei bem caro a tua vida e a minha. Escravos, preparaes-vos a combatter os Osmanlis!

Mas a nobre mulher comprehendendo demasiadamente a dedicacão do seu amante; a proteccão admiravel de Kebir anima sua corajem desfallecente; ella arrosta contra as dores e dá finalmente á luz huma pobre creatura toda infesada.

Mazzili está em fim livre de perigo, seus grandes olhos negros, banhados em pranto, se fixam sobre Abd-el-Kebir, que ella gratifica, que ella abençoa! Ah! ella he admiravelmente bella, esta nobre Armenia! Mas outros receios nam tardam a renascer mais vivos, mais pungentes. Eis ahí os primeiros clarões do crepusculo, que apparecem e o menino commença a lançar vagidos prolongados; nada pode soega-lo. Abd-el-Kebir, prevendo que este menino se lhe pode tornar fatal, toma huma resolução extrema. Elle se approxima da pobre creatura, a toma em seus braços, e, confiando-a a hum de seus escravos elle volta a perguntar a Mazzili, se ella se sente assaz forte para continuar a marcha durante algumas horas.

» Sim, Kebir, pois que se tracta de nos salvar a vida.

Huma longa esteira, sustentada sobre lanças, he desde logo posta sobre dous cavallos, e a Armenia he collocada sobre ella: os cavallos hiram a passo e ella nenhum abalo receberá. Mas o menino?

» O menino he morto, diz o escravo: elle era tam debil!

Mazzili o havia trasido em seu ventre, mas

nam com o amor de mãy. Elle era o fructo de hum attentado; assim ella partio sem se abandonar a huma dor mui viva. . . .

» Dirigi-vos para o oriente, diz Abd-el-Kebir a seus escravos, sempre para a parte do rio: e tu, minha chara Mazzili, cobre teu corpo com este vasto *feredge* e tua cabeça com este bello *yachmak* (véo). Eu nam tardarei em tornar a encontrar-te, caminhae sem receio. »

A fraca caravana se separou; o arabe, apoiado contra huma columna a seguia com hum olhar cheio de sollicitude; sua physionomia remarcavel annunciava huma inquietaçam extrema, elle sofria cruelmente. Em fim seu rosto se esclareceo, quando a vio desapparecer por detraz d'huma das vastas ondulações d'arêa, que os ventos formam no deserto, e elle vem d'hum passo rapido assentar-se juncto do seu formoso corsel, que o olhava com hum olhar intelligente.

» Descança, El-Moddhi, lhe diz elle affagando-o; em breve eu necessitarei huma prova da tua superioridade. »

E elle esperou ainda duas longas horas. Depois, tomando o cadaver do menino que jasia sobre a areia, saltou sobre o cavallo, e se dirigio para o acampamento de Joussouf. O sol ascendia já ao horizonte, o deserto jasia em hum socego pasmoso e os Osmanlis, gravemente assentados, fumavam tomando café. De repente Abd-el-Kebir apparece diante d'elles; lança o cadaver aos pés de Joussouf, e, levantando o capuz do seu manto, grita com huma voz retinidora:

» Em qualidade de hekim eu tenho deuido vir entregar-te teu filho, infame Osmanli! Eilo aqui, esperando huma vingança! »

Logo elle desapparece ao pequeno trote de seu soberbo El-Moddhi. Joussouf, furioso, corre para os seus cavallo; monta o mais rapido e vae a perseguir o arabe, que a este tempo calca já a arêa do deserto. Os Osmanlis seguem seu senhor, mas em sua raiva elle esporea tam ardentemente sua egoa, que elle deixa muito atraz seus companheiros. De repente a carreira d'El-Moddhi se affroxa, Joussouf se lisonjea de alcangar logo o hekim, e ambos se entranham cada vez mais no deserto. Depois d'huma lucta assaz longa o arabe estimula de novo o seu corsel, que voa como hum raio, Joussouf ensanguenta os flancos de sua egoa; quando chegados sobre huma eminencia, elles vêem nam longe de si Mazzili sobre sua liteira; Abd-el-Kebir faz entam frente, e, lançando-se sobre Joussouf, lhe diz com hum cruel sorriso:

» Imprudente, que tam depressa esquecestes a vingança, que te prometti! »

E com hum braço vigoroso elle o fere na cabeça com sua cimitarra. Joussouf treme, e cahê. Logo Kebir salta em terra, corta huma das

correias da sella, prende Joussouf, vivo ainda, á cauda de sua egoa, e, deixando pendentes de suas crinas alguns ramos espinhosos de *hamnus* elle a envia na direcçam de Palmyra com hum vigor admiravel.

» Tu jamais desbarrarás as familias, odioso Osmanli, » grita elle com huma voz terrivel.

E depois, livre de receio e vingado, elle se dirige allegre com sua bella e nobre companheira para as ribanceiras afortunadas do Euphrates.

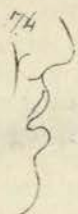
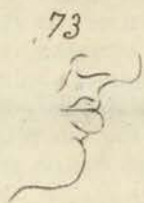
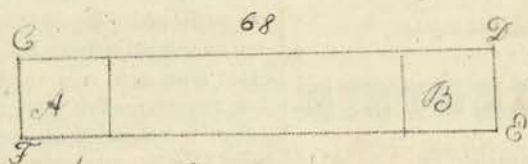
## HISTORIA ROMANA.

(Continua o quadro nono.)

**P**ercorramos junctamente nossos estados, » já tam grandes por tua valentia; e, quando » houvermos seccado todos os prantos — enre- » quecido todos os indigentes; quando nam » houver hum só desgraçado, entam eu te » deixarei partir para alongares os limites de » nossos dominios! » Romulo bramia surdamente! o povo dava gritos d'approvaçam, e o exercito mesmo se havia commovido. Romulo se preparava a responder a Tacio; mas, interrompido pelos gritos do povo, nam pode começar o seu discurso. . . . mulheres — velhos — e infantes tudo está de joelhos, tudo grita, extendendo as mãos » paz! paz! ó filho dos » deoses, paz! nós pedimos esta graça: to- » ma nossos bens mas deixa-nos gosar da paz. » Entam Tacio, banhado em pranto, faz signal de silencio e tudo de repente emmudece. » O' » meus filhos, diz, vós tereis a paz, eu vo-la » prometto. Eu a pedi em nome da ternura » e da amisade; mas agora eu a exijo, como » collega e igual em poder e dignidade. Se » Romulo a recusa eu hirei na vossa frente pro- » trar-me ás portas de Roma, lá os esperaremos, » abraçando a terra, e veremos se estes barba- » ros ousaram marchar á victoria por cima do » seu rey — de seus filhos — de seus pays — » mãys e esposas! O exercito exclama todo » em huma voz unanime » nam! nam! nun- » ca! nunca! » Os soldados lançam por terra as armas, se mixturam com o povo, e abraçam ternamente seus parentes e com elles gritam paz! paz!

O terrivel Romulo, forçado a ceder pela primeira vez de sua vida, dissimula o seu furor, e em seu peito jurando occultamente vingança contra Tacio, concede as treguas e se retira furibundo para seu palacio seguido das guardas dos Celeres. Hersila segue seu pay, Numa fica encostado a huma columna, pensativo e comparando as virtudes de Tacio com os furores do, que estivera para ser seu pay. \*\*



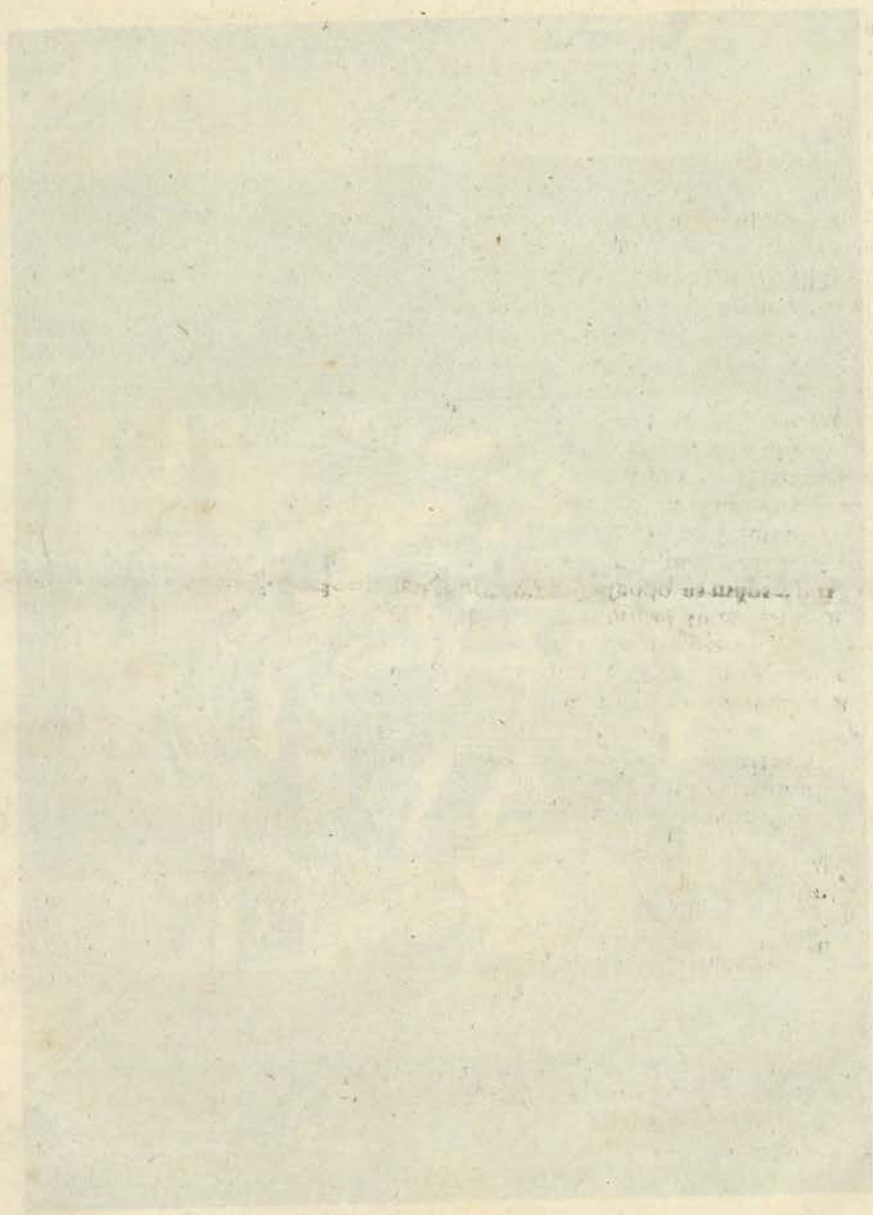




*Linea*

Morte de Socrates.

*Lith. Ziegler.*





## HISTORIA NATURAL.

(Continúa a *Ligam scellima.*)

Com effeito nam deve faser-se reflexões sobre o, que acabámos d'expor; nam deve tirar-se indicações d'esta singular conformaçam do Porco? Elle nam parece haver sido formado sobre hum plano original — particular e perfeito, pois que elle he hum composto dos outros animaes. Elle tem partes, de que nam pode faser uso — dedos, de que todos os ossos sam perfectamente formados, e que de nada lhe servem. A Natureza está pois bem longe de sujeitar-se a causas finaes na composiçam dos seres; por que nam porá ella nelles algumas vezes partes superabundantes pois que ella tantas vezes lhes falta com partes essenciaes? Quantos animaes nam ha privados de sentido e de membros? Por que se quer, que em cada individuo toda a parte seja util aos outros e necessaria ao todo? Nam basta, para que ellas se achem junctamente, que ellas nam se façam mal, que ellas possam crescer sem obstaculo e desenvolver-se sem se destruir mutuamente! Tudo, o que se nam detrimenta assaz para se destruir, tudo, que pode subsistir junctamente, subsiste, e talvez na maior parte dos seres haja menos partes relativas — uteis ou necessarias do que partes indifferentes — inuteis ou superabundantes. Mas como nós queremos chamar tudo a hum certo alvo, quando as partes nam têm usos apparentes, nós lhe suppomos usos occultos, nós lhes imaginámos relações, que nam têm fundamento algum, que nam existem na natureza das cousas, que nam servem se nam a obscurece-lo: nós nam attendemos, a que alterámos a philosophia, a que desnaturámos o seu objecto, que he de conhecer o *como* das cousas, a maneira porque obra a Natureza; e que nós substituímos a este objecto real huma ideia van, procurando advinhar o *porque* dos factos, fim, que ella se propõe em obrando. \* \*

## DESENHO.

(Conclue a *Ligam Oilava.*)

Pode-se-nos objectar, que, pois que a luz consiste no movimento da atmospheria, he provavel, que de noite deve haver luz, quando ha vento.

Nós respondemos, que este movimento nam basta a producir o phenomeno da luz.

Quando o vento sopra, a atmospheria sofre hum *movimento geral*. Entam as camadas do ar sam levadas mais ou menos violentamente de huma para outra parte, e este movimento, affectando toda a massa atmospherica, nam move separadamente cada huma das particulas insensiveis do ar: logo nam pode operar-se huma tremulaçam em cada particula, e o calorico nam he levado a huma temperatura tam subida, que o torne visivel. . . . appociemos esta verdade com uma experiencia.

Agite-se d'huma para outra parte hum ferro no meio do espago; e teremos hum *movimento geral*, que nam fará elevar a temperatura ao ferro. Esfregue-se agora esse mesmo ferro com huma lima: entam esta fricçam opera hum *movimento particular* em cada huma das particulas do ferro; e este chega a elevar sua temperatura mais ou menos em rasam da energia e continuidade da fricçam. Esta mesma theoria pode similhantemente applicar-se á atmospheria, onde o vento, deslocando-lhe e abalando suas camadas, opera o *movimento geral*; e o sol, insinuando seus rayos por entre as particulas atmosphericas as move singular e concisamente, faserdo visivel o calorico sob a forma da luz, a que chamamos dia.

N. B. Nós poderíamos ainda avançar, que de noite, quando as nuvens nam deixam ver a luz, produzida pelas estrellas e planetas, se sobrevem hum grande vento as trevas deixam de ser tam profundas, como no tempo de calmaria.

## GEOMETRIA.

(Conclue a antecedente ligam.)

55 **D**am-se duas rectas iguaes aos dous lados d'hum triangulo e hum angulo igual ao opposto ao maior d'estes lados para com taes dados formar hum triangulo igual ao proposto.

Sejam (fig. 20. n.º 1.)  $b$  e  $c$  as duas rectas dadas, e seja ainda  $b > c$ . Tire-se huma recta indefinida  $BC$ , e no extremo  $B$  faça-se o angulo  $CBD$  igual ao angulo dado: tome-se em  $BD$  a parte  $BE = c$ , e descreva-se do ponto  $E$ , como centro e com hum rayo igual a  $b$ , hum arco de circulo que cortará  $BC$  em hum ponto  $F$ : tire-se por esse ponto e pelo ponto  $E$  a recta  $EF$ ; e o triangulo  $BEF$  satisfaz as condições do problema.

56 Scholio. (Veja-se Vil. 97) Hum triangulo pode ou nam ser igual a outro se d'hum forem iguaes aos d'outro dous lados e o angulo opposto ao menor delles.

## PINTURA.

(Conclue a Liçam Oitava.)

**N**egro de Fumo he huma substancia d'hum bello negro, que se colhe de muitas manciaras — da torcida d'hum lampada — d'hum candea — d'hum vella; mas o de pez he o melhor, he huma ferrugem de resina, que se tira, metendo todos os pequenos pedagos do refugo de todas as especies de pez em grandes potes ou caldeiras de ferro, que se poem em quartos fechados de todos os lados e forrados de telas ou pelles de carneiros: lanca-se fogo ao pez. O negro de fumo se incorpora perfeitamente com o oleo; mas nam se mixtura com agoa para a tempera; quando se o quer empregar destempera-se com vinagre ou colla coalhada; elle se avermelha commumente e nam he bom nas cores; serve para pintar ferros — balcões — etc.

*Negro de Allemanha* que nos vem em pó de Francfort — de Mayence — de Strasbourgo se faz com lia de vinho queimada, lavada depois em agoa, e depois moida em moinhos, feitos de preposito. Convem escolhe-lo leve — o menos arenoso possivel — luzidio — macio — frangivel — mais pesado que o nosso negro de fumo. Elle deve dar hum negro aveludado.

*Negro de composiçam* he o residuo das operações do azul de Prussia; como elles tira hum pouco sobre o azul; serve com branco para fazer bellos griz argentinos.

## COSMOGRAPHIA.

GEOGRAPHIA ASTRONOMICOMATHEMATICA.

(Conclue a Liçam Oitava.)

**E**ste semi-meridiano nam he oriental nem occidental, e se chama simplesmente o 180° de longitudé. Quem fosse do semi-mer. — o — para E'ste até 180°, se apartaria d'este semi-mer., e, continuando sempre seu caminho para E. se approximaria d'elle, e os semi-mer. 181° 182° 183° nam seriam senam os 179° 178° 177° O. O 359° nam seria senam o 1.° O., e em fim o 360° se confundiria com o ponto de partida. D'ali resulta: 1.° que o algarismo, que designa o semi-mer., altéa, á medida que se aparta do semi-mer. — o — (a menos que alem do 180° se nam conte 181° 182°, em logar de 179° 178° etc): 2.° que he necessario diser se o gráu de longit. he oriental ou occidental.

A latit. pois he a distancia d'hum logar qualquer ao Equador; elle he N. ou S., conforme que está ao N. ou S. do Equador.

A longit. he a distancia d'esse mesmo logar a hum semi-mer. O. (attendendo a que á longit. se ajuncta tambem E. ou O).

O que disemos dos graus, se applica aos min. e seg. d'estes, que assim chamámos aos meridianos secundarios e terciarios, que resultam da divisam dos primeiros em 60 outros etc.

Quanto á maneira d'escrever este enunciaçdo he — grau (°) — minuto (') — segundo (") — terceiro (''') etc. — Longitudé Longit. — latitudé latit. —

## VARIEDADES RECREATIVAS.

### A MENDICIDADE.

**E** he possivel achar-se a differença entre o homem inculto e o civilizado pelo jogo das feições mimicas do rosto: naquelle o rosto contrahido e um certo olhar indirecto e de desconfiança trahem o seu estado de pouca cultivaçam, como neste deixam ver claramente a civilisaçam todas suas maneiras affaveis — a tranquillidade, que lhe pullula no rosto — hum abrimto franco de feições — e hum olhar de franquesa e confiança. Pode esta differença achar-se entre hum e outro — entre muitos — e mesmo ainda ha homens, que no semblante trahem o espelho, que reflecte as affecções e paixões de sua alma; porem, quando desce-mos a julgar do estado de civilisaçam d'hum povo inteiro, nam he bastante ler nos semblantes d'um ou mil de seus membros a resoluçam d'hum tal problemma. Os symptomas, que attestam esse estado e o grau, que elle occupa na escala civilisadora deve conhecer-se em globo e naquelles factos, a que o povo he levado por huma certa tendencia natural ou usual e nunca por instigaçam ou acinte. Aquelle povo julgámos nós mais civilizado, que, tendo-se despedido das grossarias d'hum natureza selvatica, mais rasgos d'humanidade apresenta — mais zelo por suas ley e instituções — mais amor pelo progresso luminoso, sem contudo cabir na barbarie por gosto, que se usa encontrar no extremo opposto. . . . vamos ser mais explicito.

Quem julgará civilizado hum povo, cujas leys, por defeituosas, tolerem em seu gremio escolas publicas d'inhumanidade? Que homem bom, e em cujo coraçam gotteje o suave liquor da humanidade dispenderá hum seutil pelo gosto de ver em hum curro massacrar huma victima, que nam tem outro crime alem da disgraçada sorte d'haver cahido nas garras ao homem, esse monstro, que, inculcando-se humano, tudo assola e destroe. . . até a sua mesma especie e a si-mes-

mo? Com tudo nós ahí vemos muitas vezes na velhice e juventude individuos de coraçam, aliás terno e compassivo, contemplando, já nam diremos a sangue frio mas sim por gosto por praser e por extase, hum combatte entre hum homem e hum bruto (ou entre hum bruto e outro bruto!!) e levantando alaridos e gritos até ao ceo d'allegria porque hum ou outro ficou extripado — hum ou outro ficou derreado!!!

E dir-se-ha civilisado o povo, onde taes usos se conservam? O contrario he nossa opium. Nam dirigimos nós os tiros da censura a este ou aquelle povo, porque em roda de nós os vemos contaminados dos mesmos podres!! Qual he pois o fructo d'essa immoralidade, que legisladores imprevidentes ainda nam tem tido a corajem de banir? Fôra até bem escusado o disse-lo. Os olhos da juventude, accostumados a ver sangue — a ver martyrisar e massacrar hum innocente animal, affasem-se á crueldade e os jovens, perdendo com o tempo o sentimento natural repressor da maldade, quer diser, esse retorno sobre si-mesmo, que o homem sensivel sente ao ver os males alheios, tornam-se indifferentes a esses males e por pequeno motivo os fasem elles-mesmos soffrer. . . . terrivel immoralidade!!! e que pode huma sociedade esperar de taes membros?!

Temos já visto e com bastante magoa! os mendigos e os velhos paraliticos insultados nam só pelos garotos mas ainda por outros joyens, aquem telas mais finas disfarçam a depravaçam!!! Vimos já muitas vezes assoberbada a miseria pela phrase da moda — *Nam há., vá trabalhar!!* — Bem desejáramos nós que nam houvessem mendigos a transitar pelas ruas; mas, he isso hum impossivel. A casa do asylo da mendicidade tem merecido os louvores de todos os periodicos, e nós nam guardaremos para mais tarde este tributto de respeito e louvor a seus nobres instituidores; mas os soccorros, que ali se prestam sam ainda poucos para huma tam grande multidam d'indigentes, e o numero dos favorecidos se acha limitado. Nós vimos forcejar para ali introduzir hum paralitico ex-veterano, victima da obediencia a hum seu superior, e outros mais, cuja indigencia he conhecida; e com tudo elles ainda arrastam pelos cantos da capital o peso de sua amargurada existencia. Nam queremos attirar-nos á persecutaçam das causas da carencia dos meios em tal asylo, essa analyse seria demasiado profunda e sabe Deos, onde teriamos de remontar para achar-lhe a origem; quisemos somente mostrar, que pode haver mendigos por immoralidade d'individuo; mas he innegavel have-los de necessidade.

Appareceo no mundo, dicto civilisado, desde certo tempo hum fervor de reformar, a quem os homens, d'elle dominados, têm ousado chamar *philosophia moderna*, ridiculo engano! . . .

chamar philosophia ao innovar sem justo meio — sem limites, cabindo por imprevidencia no extremo opposto, he sem duvida profanar tam sagrado nome. Querer d'hum golpe reduzir tudo á sua crenga, decepar promptamente os d'ella incredulos — imbuir os povos a torto e a direito de verdades — prejuisos e absurdos, e reduzir a cinzas tudo, que s'oppunha ou reflectia eis o furor da dicta *philosophia antiga*: destruir d'hum salto e sem escolha o, bom e o máo d'esta e crer, que seja obra de momento o arrancar crengas e usos inveterados nos povos. . . em huma palavra, reformar completamente, eis a mania da dicta *nova philosophia*; e com effeito nós que cremos, que tam pouco philosophia he huma como outra por que usos e crengas nam se introduzem a martello. Os effeitos d'huma e outra sam os mesmos: alem guerras entre povo e povo entre chefe e chefe, aqui o mesmo vem a ser. . . guerra dos crentes contra os nam crentes e guerra dos nam crentes contra crentes. . . eis o que perturba a paz do mundo civilisado. . . fiquemos aqui, que he o limite da nossa missam.

A' proporcãem que os povos vam apercebendo-se da tendencia reformadora, dos que os governam, o espirito de christianismo desenvolve-se nam por accinte, mas insensivelmente, o que prova d'huma maneira incontestavel, quanto perigoso seria tentar a profanaçam de suas crengas, caso unico, que seria capaz de relevar d'hum momento toda a energia e resentimento d'hum povo: a Allemanha abunda em exemplos d'esta verdade.

Temos visto no presente anno grandes festas e funcções d'arraial — fogos de vista etc. : tudo isto reccorda o que *sommos — portuguezes por gloria e catholicos par convicçam*. Nam censuraremos aquillo, que aprovãmos — os actos de religiam —, nem nossa penna mesquinha franqueará do guarda-vento da casa de Deos para dentro. Lembra-nos só que o filho de Deos, quando veio ao mundo, nelle viveo vida de mendigo; e, se podendo tudo, nam quiz inculcar sua Omnipotencia senam com exemplos d'humildade e pobreza, segue-se d'aqui, por consequencia, que as pompas sam incompativeis com as bases do seu culto, que em lugar do sange e fumo das victimas dos sacrificios dos antigos patriarchas, se contenta apenas com a simples combustam d'huma substancia vegetal. D'aqui cremos, que bom grado dispensa o Summo Deos parte de suas oblações a bem de factos de caridade; e, se houvessemos visto, como na Lapa, extendida pelas outras festas huma mesa abundante para os mendigos, nós elevariamos bem alto nossa debil aprovaçam: mas por toda a parte vimos arcs e musicas, e todavia os musicos tem seus salarios nos corpos, a que pertencem, e melhor fôra antes tornar esse dinheiro em beneficio dos pobres.

D'estas cousas, que tam mesquinhas pareceem, a quem nam reflecte, resultam males, que parecendo mesquinhos, se tornam prejudiciaes á vida das sociedades pelo pouco caso, que d'elles se faz. Estes males vem de mui longe e suas consequencias se sentem assaz para que nam ousemos d'elles dividir.

O sabio Fénelon bem os demonstrou pela boca do seu Mentor no reyno de Idomeno. A agricultura e as artes de primeira classe sam os unicos elementos da prosperidade d'hum povo; mas, sendo huma dependente d'hum exercicio custoso, as outras difficeis d'apprender, e os homens inimigos do trabalho, já se vê, que tantos sam os jovens empregados nas occupações superfluas, quantos os braços sam, que se roubam á agricultura e ás artes; e bem facil he de conceber quanto menos custoso seja do que dirigir a relha do arado e revolver a terra com a enchada o tocar hum instrumento em hum arraial — o incendiar fogos de diferentes vistas — o armar galarias para musicos — o vender hum taboleiro de bolos e hum frasco d'agoa-ardente, e outras redicularias taes, em que hum operario vae por patuscada gastar o fructo d'alguns dias de fadigas e o sustento de sua familia, que muitas vezes em casa espera o desfecho do deboche d'esse dia.

E concluimos disendo, que as esmolas extrahidas do povo la se fundiram em musica — fogo — e luzes, semque a mendicidade visse d'ali hum acto de caridade. Assim vae o mundo!!...

## ECONOMIA USUAL.

### MORAL PRIVADA.

**PRECEITOS.** — Cada qual tem a velhice, que se prepara.

He huma vergonha para os homens, que elles tenham tantas doencas; porque os bons costumes produzem a saúde.

Nam convem empregar aquelles homens, de quem se suspeita, nem suspeitar d'aquelles, que se empregam.

A economia dá aos pobres tudo, o que a prodigalidade tira aos ricos.

Lembrae-vos de que, quem compra o superfluo, venderá depois o necessario.

Ganhae o que poderdes, e guardae o que ganhaes, eis aqui a pedra, que mudará em ouro todo o vosso chumbo.

Quem pede emprestado para edificar, edifica para vender.

O que esquece os beneficios, se lembra das injurias.

Toda a subida tem sua descida.

Pode-se facilmente ser rico, se se quer abster do que se nam necessita.

O que he escravo do seu ventre, passa duas noites sem dormir — huma, porque tem o estomago cheio — outra porque o tem vazio.

Nam entrae jámais em hum lugar de venda publica porque serieis tentado d'ali comprar aquillo, que nam necessitae.

Se comprares huma casa com a intengam de lhe fazer mudanca para a tornardes mais habitavel; contae, que a pagareis duas vezes.

Nam opponhaes ao trapasseiro senam a rectidam, suas trapassas recabiram sobre elle mesmo. A finura jámais se sustentará longo tempo contra a sinceridade.

Quem ama a mesa lauta, morrerá de fome.

As funcções de conciliador sam preferiveis ás de juiz.

Nam he cousa difficil o ouvir e julgar os litigantes, mas conciliar os homens entre si — prevenir seus processos e seus odios, eis aqui o que he difficil e glorioso.

## RETRATO 4.º

Ouvi Oliveiro fallar de Ricardo dous mezes ha. Jamais houve homem melhor do que Ricardo! Bondade sobre tudo... coração de mel e d'assucar! Louvava Oliveiro todos os seus dictos, elevava ao ceo todos seus feitos: melhor era seu parecer, que o de todos! Em doutrina ninguem o igualava, em reger sua familia era hum protento, na conversação allegria e praser! Pouco a pouco Oliveiro nam mais fallou de Ricardo, e depois commegou a censura-lo. » He maligno, tem máo coração, nam sabe o que diz, nem o que faz! Vae por culpa sua a familia em ruina, está falta de tudo... Ricardo ha hum mez lhe emprestou dinheiro.

## ANECDOTA.

Um soldado se achava de sentinella a hum morto; seus camaradas querendo metter-lhe hum susto, hum d'elles se embuçou em hum lençol, e foi apparecer-lhe como phantasma pela alta noite. O soldado, que era ainda recruta, vendo-a, se encheo d'animo; e, desembainhando a espada e collocando-se na offensiva, disse: » O' alma já finada, que vens » perturbar-me, sabe, que eu sou destimido » ainda que seja galucho; portanto da parte » de Deos retira-te se nam queres morrer ou » tra vez.»